

A GUERRA
DOS
MUNDOS

LIVRO
I

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, 1969 –
A Guerra dos Mundos – Livro I – com comentários*

*Malhador/ SE , Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 192 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798682636112 Edição 1º

1. Ficção 2. Planeta Marte 3 H.G. Wells

4. Guerra dos Mundos 5. Ufologia

CDD 261 / 240

CDU 23

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

TÍTULO TRADUZIDO: A Guerra dos Mundos
TÍTULO ORIGINAL: The War of the Worlds AUTOR: H. G. Wells

GÊNERO: Ficção Científica
ANO: 1898

ÍNDICE

LIVRO UM › A CHEGADA DOS MARCIANOS [»]

Capítulo 1 : A Véspera da Guerra [»]

Capítulo 2 : A Estrela Cadente [»]

Capítulo 3 : Nos Baldios de Horsell [»]

Capítulo 4 : A Abertura do Cilindro [»]

Capítulo 5 : O Raio da Morte [»]

Capítulo 6 : O Raio da Morte em Chobham Road[

»]

Capítulo 7 : Como Cheguei a Casa [»]

Capítulo 8 : Noite de Sexta-feira [»]

Capítulo 9 : A Batalha Começa [»]

Capítulo 10 : Sob a Tempestade [»]

Capítulo 11 : À Janela [»]

Capítulo 12 : O que eu vi da destruição de Weybridge e de Shepperton[»]

Capítulo 13 : Como encontrei o Coadjutor [»]

Capítulo 14 : Em Londres [»]

Capítulo 15 : O que Aconteceu no Surrey [»]

Capítulo 16 : O Êxodo de Londres [»]

Capítulo 17 : O Thunder Child [»]

INTRODUÇÃO

Sempre gostei do gênero de ficção científica porque por meio dela damos asas a nossa imaginação sobre o que especulamos sobre o futuro em termos de avanço científico e principalmente sob a perspectiva de encontro entre a espécie humana e outra espécie superior a nossa. No campo da religião, os homens já vem se há milênios com a expectativa de um encontro com Deus e o temido Juízo Final. Com o advento do secularismo da sociedade e não do racionalismo, como se religião fosse sinônimo de irracionalidade, o secularismo e o ateísmo têm levado os homens desde o século XIX a imaginar um universo sem Deus e sem anjos, mas com outros seres que vivem em outros planetas e que este possível encontro possa ser amigável ou belicoso. Nos dias de H.G. Wells crenças em marciano estava no auge e sua obra foi publicada na hora certa da história. Aqui está o segredo de algumas obras literárias fazerem sucesso e outras somente ganham expressão gerações depois.

De fato o autor deixa transparecer uma lição moral na qual hoje a humanidade é senhor do planeta e muitas vezes tratam os animais sem respeito, e que um dia poderemos hipoteticamente encontrar seres que nos trate como animais. Como vai ficar???

Gostei também como Wells representou bem o caráter e a natureza humana, que diante do colapso, tende a agir pelo animalismo e desrespeitará as regras sociais, seguindo somente o instinto de sobrevivência. Neste estado alterado, matar e roubar não é visto como algo imoral para muitos que forem colocados sob pressão.

JORNALISTA ANA PAULA LAUX

Um dos grandes clássicos da ficção científica, “A Guerra dos Mundos” começou a ser publicado em capítulos em 1897, na revista inglesa Pearson’s Magazine. Escrita por HG Wells, conta a história da invasão da Terra por marcianos inteligentes, que chegam no nosso planeta estrategicamente preparados para destruir a raça humana. Um dos aspectos que tornaram esse livro simbólico foi o fato de HG Wells ter usado o gênero da ficção científica, com todos os elementos lúdicos que ele proporciona, para fazer uma crítica à sociedade vitoriana da época.

No livro, os marcianos desembarcam nos arredores de Londres em cilindros metálicos que são inicialmente confundidos com meteoros. Não leva muito tempo para as pessoas descobrirem que dentro destes cilindros há seres alienígenas extremamente hostis e coordenados. Descritos pelo autor como se tivessem a pele similar à couro molhado, os marcianos locomovem-se em máquinas com tripés metálicos, usam armas como raios carbonizadores e fumaças intoxicantes e letais, alimentam-se de fluídos humanos e dizimam tudo que encontram pela frente.



O escritor Wells

A descrição da aniquilação das pessoas e do domínio da Terra acaba sendo uma alusão ao próprio Império Britânico, que desde o final do século 16 dominava e colonizava povos no mundo. Foi assim na América do Norte, com o extermínio dos índios pelos colonos ingleses, na Austrália com os aborígenes, e continuou sendo assim no século 19, que ficou conhecido como o auge do Império Colonial Britânico quando eles fincaram sua bandeira na Índia e em vários países da África. Quando os marcianos conquistam Londres, eles não esboçam piedade alguma pelos seres humanos nem por suas instituições. As pessoas ficam aterrorizadas com a facilidade que eles têm em destruir tudo o que veem pela frente e em desmoralizar o poderio das forças militares, que se consideravam tão imponentes.

Uma citação do autor no primeiro capítulo deixa bem clara essa intenção de fazer paralelos com a história. Ele diz:

“Antes de julgá-los com demasiada severidade, devemos nos lembrar das destruições totais e implacáveis que nossa própria espécie empreendeu, não apenas contra os animais, como os extintos bisões e dodôs, mas contra as raças humanas inferiores... Somos por acaso tamanhos apóstolos da misericórdia para podermos nos queixar de que os marcianos tenham feito a guerra no mesmo espírito?”

Acho que é isso que torna essa história tão fascinante e, conseqüentemente, atemporal. A essência dela continua sendo a mesma. O ser humano continua se mostrando uma raça autoritária e prepotente, e a mensagem, mesmo que tenha sido escrita há mais de 100 anos, mantém-se atualíssima. A crítica social foi uma marca do trabalho do HG Wells, que também ficou conhecido por outros livros marcantes como A Máquina do Tempo e O Homem Invisível.

“A Guerra dos Mundos” já foi adaptada algumas vezes para o cinema e TV. Em 1953, teve uma primeira versão para o cinema, com Gene Barry e Ann Robinson e produção da Paramount Pictures. Foi lançada no Brasil no dia 25 de dezembro daquele ano e foi um grande sucesso. Mais recentemente, em 2005, teve a versão do

Steven Spielberg estrelando o Tom Cruise no papel principal e com a Dakota Fanning. Um filme muito interessante e bem feito, e que a maioria dos fãs de ficção científica já deve ter assistido.

Essa edição especial da Suma de Letras vem com alguns bônus muito legais. Tem um prefácio de Bráulio Tavares, onde ele faz uma reflexão que eu gostei bastante, que diz que “os marcianos somos nós amanhã, quando a atmosfera do nosso planeta finalmente estiver irrespirável, quando tivermos esgotado todos os lençóis de água potável, quando o desequilíbrio entre as espécies animais e vegetais tiver precipitado sua extinção... será nossa vez de olhar em torno à procura de um ecossistema habitável, e certamente vamos fazê-lo um dia com os mesmos intelectos vastos, frios e insensíveis que Wells nos apresenta no livro.”

A edição conta ainda com uma entrevista clássica com HG Wells e o cineasta Orson Welles – que apesar do sobrenome não tinham nenhum parentesco, além das belas ilustrações de Henrique Alvim Corrêa, um brasileiro que morava na Bélgica no começo do século 20 e que enviou seus desenhos para o autor depois de ler uma versão francesa do livro. Wells gostou tanto do que viu que incluiu os desenhos de Alvim na edição de luxo do livro, publicada em 1906, e o trabalho dele entrou pra história. Livro recomendado, vem com capa dura, com tradução revisada, com todo o cuidado e carinho que um clássico merece. (1)

JORNALISTA LEANDRO STEIW

REVISTA SUPERINTERESSANTE 31/05/2005

Lançado há mais de cem anos, a Guerra dos Mundos, de H. G. Wells, popularizou tudo o que os ufólogos vêem no céu. Agora o clássico volta à cena em uma superprodução de Steven Spielberg

Leandro Steiw

Com a estréia nos cinemas de Guerra dos Mundos, do diretor Steven Spielberg, a mais importante obra de ficção científica dos nossos tempos volta a ser comentada em todo o planeta. Lançado em 1898, o romance homônimo do inglês Herbert George Wells tem versões em dez línguas, foi adaptado para o cinema três vezes, rendeu uma polêmica esquete de rádio de Orson Welles e ganhou diversas releituras em quadrinhos. Por que um livro exerce tanto fascínio mais de um século depois de publicado? Porque H. G. Wells foi o primeiro escritor a usar a ficção científica para criticar a sociedade de sua época. Quem decifrou a metáfora entendeu que tinha em mãos muito mais do que uma aventura de alienígenas e naves espaciais. A Guerra dos Mundos tornou-se um arrepiante relato da nossa fragilidade no Universo. Se hoje existe a ufologia, a largada foi dada por Wells.

(Já existia na sua época um delírio na crença em marciano, que vinha se popularizando e tomando o lugar que antes era ocupado por Deus nos corações dos homens. Wells estreou uma visão romântica com sua obra de ficção. De lá para cá, a ufologia foi tomando o espaço de Deus na mente nos corações. Relatos de contatos com alienígenas passaram a ser mais interessante do que leitura da Bíblia e testemunho cristão.)

Naquele final de século 19, a Inglaterra era a grande potência mundial. A rainha Victória enviava seus exércitos para a África e garantia a expansão do Império Britânico. Os marcianos que invadem a Terra, passando por cima de homens e mulheres, são os próprios ingleses tomando posse das terras dos africanos. Os humanos não compreendem tamanha brutalidade dos ETs. Eis o que diz Wells, já no primeiro capítulo de seu livro: “Antes de julgá-los com demasiada severidade, devemos nos lembrar das destruições totais e implacáveis que nossa própria espécie empreendeu, não apenas contra os animais, como os extintos bisões e dodôs, mas contra as raças humanas inferiores. Os tasmanianos, apesar de sua configuração humana, foram totalmente varridos da existência, num período de 50 anos, numa guerra de extermínio empreendida pelos imigrantes europeus. Somos por acaso tamanhos apóstolos da misericórdia para podermos nos queixar de que os marcianos tenham feito a guerra no mesmo espírito?”. Uma senhora patada no orgulho britânico.

(Também vejo uma leitura anti europeu que passou a popularizar entre os jornalistas socialistas dos últimos tempos, que em tudo acha uma brecha para demonizar os europeus colonizadores. Não reconhecendo os avanços que os europeus levaram ao mundo bárbaro.)

A Guerra dos Mundos estreou como folhetim, publicado em nove partes entre abril e dezembro de 1897 na revista inglesa Pearson's Magazine. Em maio do mesmo ano, a revista americana Cosmopolitan lançou o texto nos Estados Unidos. A história foi um sucesso de público e ganhou versão em livro em fevereiro do ano seguinte. O impacto foi tremendo. Numa época em que aviões, raio laser e viagens espaciais eram só promessas de cientistas sonhadores, os leitores ficaram arrepiados com a possibilidade de seres de outros mundos estarem mesmo de olho na Terra. A humanidade preparava-se para a virada do século, período em que costumam aparecer profetas do apocalipse. Embora não fosse essa a intenção de Wells, a destruição de A Guerra dos Mundos foi interpretada pelas pessoas mais assustadas como um relato perfeito do juízo final.

Os jornais dos Estados Unidos ficaram doidos com a história. Em janeiro de 1898, o New York Evening Journal publicou uma pretensa continuação da aventura de Wells, chamada Edison's Conquest of Mars (A Conquista de Marte de Edison), escrita por Garrett P. Serviss. Nesse plágio escancarado de A Guerra dos Mundos, Thomas Edison – o mesmo que inventou a lâmpada elétrica – embarca numa nave espacial para se vingar dos marcianos que invadiram a Terra e foram

mortos por nossas bactérias. Os terráqueos não falham e exterminam a raça alienígena do planeta vermelho.

TRAÇOS BRASILEIROS

A primeira edição de A Guerra dos Mundos foi ilustrada pelo inglês Warwick Goble, mas os desenhos preferidos de Wells foram de autoria de um brasileiro que morava na Bélgica, o carioca Henrique Alvim Corrêa. O artista viajou para Londres, em 1903, para apresentar rascunhos que fizera após ler a versão francesa do livro. Wells gostou tanto do trabalho que convidou Corrêa para ilustrar a edição de luxo lançada em 1906 pela editora belga L. Vandamme. São 31 gravuras que pertencem ao antiquário fluminense Sebo Fino e estão expostas temporariamente no Museu e Hall da Fama da Ficção Científica, nos Estados Unidos.

O cinema não ficaria indiferente à história de Wells. O primeiro filme, dirigido por Byron Haskin, é considerado uma das melhores películas de ficção científica. Nessa versão de 1953, a produção ignorou boa parte das lições morais de Wells e transformou a história numa aventura tecnológica. O brilhante e charmoso doutor Clayton Forrester (vivido pelo ator Gene Barry) engata um discreto romance com a lindona Sylvia Van Buren (Ann Robinson). Fora a chegada dos marcianos e a vitória das bactérias, pouca coisa sobrou do texto original.

A versão de Steven Spielberg para A Guerra dos Mundos, lançada no final de junho, tem pelo menos um ponto em comum com o livro: trata-se da invasão da

Terra sob o ponto de vista dos refugiados, particularmente do personagem de Tom Cruise. Com as novas invenções e as descobertas da ciência, o mundo mudou radicalmente nos últimos cem anos e **o que assustava em 1898 não cola mais no século 21**. Por isso, os alienígenas não são do inabitado planeta Marte, o poder de destruição extraterrestre cresceu e há muito mais gente correndo de um lado para o outro nas ruas. O cenário é contemporâneo.

O charme da história de Wells, pelo menos, está garantido em uma produção paralela do diretor Timothy Hines. A versão de Hines, a ser lançada também neste ano, é uma reprodução fiel do livro: a ação ocorre na Inglaterra vitoriana, os vilões vêm de Marte e eles acabam sendo aniquilados pelas bactérias terrestres.

Com tanta adrenalina que vem por aí, vai ser difícil ficar indiferente à Guerra dos Mundos em 2005. Leia o livro e assista aos filmes. É uma boa oportunidade para tentar entender como surgiu essa curiosidade humana pelo extraterreno. Se alguém merece culpa por enriquecer o imaginário popular, esta pessoa é H. G. Wells.

“Antes de julgá-los com demasiada severidade, devemos nos lembrar das destruições totais e implacáveis que nossa própria espécie empreendeu, não apenas contra os animais, como os extintos bisões e dodôs, mas contra as raças humanas inferiores”

trecho de a guerra dos mundos, de H. G. Wells

Marte é um planeta árido, cheio de crateras e nunca esteve a menos de 56 milhões de quilômetros da Terra. Como é que um lugar sem graça desses inspirou tantas histórias de ficção científica? A explicação talvez remonte a 1877, quando o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli observou uma rede de canais na superfície marciana, que foi interpretada por alguns cientistas como estruturas artificiais de irrigação. Com teorias desse tipo, que outro lugar poderia alimentar tanto a imaginação dos escritores? H. G. Wells não ficou indiferente e também brincou com os marcianos. Em 1897, quando publicou *A Guerra dos Mundos* na forma de folhetim, o planeta fervia com as recentes invenções do homem: o telefone (1876), a lâmpada elétrica (1879), o automóvel (1885), o rádio (1896). Wells era um sujeito antenado. Tudo o que os marcianos do seu livro possuíam na fictícia invasão da Terra seria inventado pelo homem nos anos seguintes: o segredo de voar (avião, em 1906), o raio de calor (raio laser, em 1960) e a máquina de manipular (robôs, em 1961). Mas Wells temia o uso destrutivo das novas invenções e viveu o suficiente para descobrir que tinha razão. Em 1915, a Alemanha usou armas químicas contra os franceses na Primeira Guerra Mundial. Em 1945, os Estados Unidos jogaram duas bombas atômicas sobre o Japão, no lance final da Segunda Guerra. A primeira frase do capítulo 6 do livro de Wells soa profética: “Ainda é motivo de espanto o modo como os marcianos são capazes de matar gente tão rápida e silenciosamente”. Quando morreu, em 1946, Wells já tinha perdido a confiança no ser humano. (2)

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA

Segue o artigo da Enciclopédia Britânica sobre A GUERRA DOS MUNDOS:

Análise E Interpretação

Questões de ordem e hierarquia estão no centro de A Guerra dos Mundos. Quando os marcianos pousam na Inglaterra pela primeira vez, não são vistos como uma ameaça. A maioria dos homens e mulheres - nos subúrbios de Londres e na cidade - continua trabalhando. Mesmo depois que os marcianos matam várias pessoas, a vida diária não é significativamente perturbada. Diante de um ataque iminente, o povo inglês se apega a regimes estabelecidos e estruturas sociais existentes. O narrador fica particularmente impressionado com isso:

A coisa mais extraordinária para mim, de todas as coisas estranhas e maravilhosas que aconteceram naquela sexta-feira, foi o encaixe dos hábitos comuns de nossa ordem social com os primeiros começos da série de eventos que viriam a derrubar essa ordem social de cabeça.

Como observa o narrador, a resistência inglesa não dura. O ataque marciano eventualmente força o colapso da ordem social. Na verdade, ele nivela todas as hierarquias sociais, colocando pessoas de todas as posições e classes no mesmo plano. O caos se instala. As pessoas rapidamente se voltam umas contra as outras, usando a perda da ordem como desculpa para

serem destrutivas e violentas. O narrador e seu irmão observam uma série de cenas estranhas: pessoas saqueando lojas, homens atacando mulheres, servos abandonando seus senhores, trens passando por multidões, e assim por diante. A descrição de Wells do caos na ausência de estruturas sociais artificiais demonstra poderosamente como essas estruturas são importantes para o senso humano de ordem. Mais importante ainda, ressalta a precariedade do senso humano de ordem.

A invasão marciana também causa o colapso das hierarquias naturais. No romance de Wells, os humanos se tornam uma espécie subordinada. Essa mudança de posição dá ao narrador uma nova perspectiva sobre o mundo natural. Ele começa a traçar paralelos entre a relação marciana com os humanos e a relação humana com os animais. Pela primeira vez em sua vida, ele se pergunta "como um couraçado ou uma máquina a vapor pareceria para um animal inferior inteligente". Ele faz uma analogia semelhante após emergir das ruínas da casa que o abrigava:

Eu me senti como um coelho voltaria para sua toca e de repente me deparei com o trabalho de uma dúzia de marinheiros ocupados cavando as fundações de uma casa. Senti o primeiro indício de uma coisa que logo se tornou bastante clara em minha mente, que me oprimiu por muitos dias, uma sensação de destronamento, uma persuasão de que eu não era mais um mestre, mas um animal entre os animais, sob o calcanhar marciano.

O número de comparações entre humanos e animais aumenta à medida que o romance avança. Perto do fim, o narrador encontra um artilheiro que tem certeza de que os marcianos vão domesticar os humanos. Ele prevê que as pessoas que não são "feitas para animais selvagens" acabarão em "gaiolas espaçosas e agradáveis", sujeitas a "criação cuidadosa" e "comida para engordar". Este não é o resultado final, mas Wells não nega que possa ser. Em vez disso, ele adverte as pessoas contra tomar sua posição na ordem natural como certa. Ele pede a seus leitores que reconsiderem sua relação com o mundo animal. No final, a principal lição - para o narrador e o leitor - é a compaixão pelos animais:

Certamente, se não aprendemos mais nada, esta guerra nos ensinou pena - pena por aquelas almas estúpidas que sofrem nosso domínio.

Publicação E Recepção

A Guerra dos Mundos foi publicada pela primeira vez em série. Wells vendeu os direitos de *The War of the Worlds* em 1896. Entre abril e dezembro de 1897, a história foi serializada simultaneamente pela *Pearson's Magazine* no Reino Unido e *The Cosmopolitan* nos Estados Unidos. Ambas as versões apresentavam ilustrações do ilustrador de livros infantis britânico Warwick Goble. A história de Wells posteriormente apareceu em forma de série em vários jornais americanos, incluindo o *The New York Evening Journal* de William Randolph Hearst e o *Boston Post*. Notavelmente, as versões que apareceram no *The New*

York Evening Journal e no Boston Post foram ambientadas na América, e não na Inglaterra. Wells não autorizou essas reproduções. Ele protestou contra a mudança de cenário como uma “manipulação” de seu trabalho. A Guerra dos Mundos não apareceu em livro até 1898, quando foi publicado no Reino Unido por William Heinemann . Heinemann teria pedido uma tiragem inicial de 10.000 cópias. Ele anunciou o romance como outra obra do “Autor de 'A Máquina do Tempo'”.

A recepção crítica inicial do romance foi favorável. Os críticos e leitores do século XIX ficaram maravilhados com a grandeza da visão de Wells, e o romance foi um tremendo sucesso comercial. Cinco anos após sua publicação, ele foi traduzido para 10 idiomas. Dez anos após sua publicação, Wells registrou que The War of the Worlds vendeu cerca de 6.000 cópias ao preço original de seis xelins (e muito mais cópias a preços mais baratos). As vendas do romance continuaram a aumentar ao longo do século 20 e agora é amplamente ensinado nas escolas. O romance de Wells está em impressão contínua desde sua primeira publicação como romance em 1898.

Adaptações

A peça de rádio de Orson Welles continua a ser a adaptação mais famosa do romance de Wells. Em 30 de outubro de 1938, Welles apresentou uma adaptação de The War of the Worlds em seu programa de rádio, The Mercury Theatre on the Air. Como Welles disse mais tarde aos repórteres, ele escreveu (e executou) a peça de rádio para soar como uma notícia real sobre uma invasão